

1

Introdução

Este estudo focaliza o processo de identificação do sistema de gênero por crianças adquirindo o português do Brasil. Considera-se a possibilidade de que o processo de identificação possa ser generalizado para situação de aquisição de qualquer língua em que um sistema de gênero se apresente.

A presente tese está vinculada à linha de pesquisa Processamento e Aquisição da Linguagem, do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-Rio, cuja proposta é integrar o estudo do processamento lingüístico pelo adulto e da aquisição da linguagem pela criança, assumindo um modelo de língua. Dessa forma, esta tese insere-se em uma Teoria de Aquisição da Linguagem que busca na Teoria Lingüística um modelo que possa caracterizar a língua a ser adquirida e o que seria seu estado inicial.

Estudos em aquisição da linguagem, diretamente vinculados à teoria lingüística, têm se desenvolvido de modo independente de estudos mais diretamente voltados para o desenvolvimento lingüístico, seja do ponto de vista da Psicologia do Desenvolvimento ou da Psicolingüística. Nos primeiros, a formulação do problema da aquisição da linguagem não abarca o modo como a criança extrai informação do sinal acústico que lhe permita identificar a língua em aquisição. Já o estudo da aquisição da linguagem na perspectiva do desenvolvimento da criança ou mesmo o que concebe a aquisição da linguagem do ponto de vista do processamento da informação carecem de uma teoria de língua que explicita o que deve ser adquirido pela criança e o que pode ser atribuído a um programa biológico, codificado geneticamente.

A perspectiva teórica assumida neste trabalho parte de uma conciliação entre abordagens para o processo de aquisição da língua desenvolvidas no âmbito da Psicolingüística e abordagens diretamente orientadas pela Teoria Lingüística.

No âmbito da teoria lingüística, a vertente gerativista está comprometida, desde sua origem, com o problema da aquisição da linguagem em uma

perspectiva que trata a língua(gem) como um sistema cognitivo biologicamente especificado. Dessa forma, essa linha teórica será tomada como referência nesta tese.

Desenvolvimentos mais recentes da teoria gerativista – Modelo de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981) e Programa Minimalista (Chomsky, 1995, 1999) – caracterizam a aquisição da linguagem em termos de princípios universais comuns às línguas e parâmetros variáveis, a serem fixados no processo de aquisição de uma dada língua. A variação entre línguas seria decorrente da fixação desses parâmetros, que estariam restritos aos traços das categorias funcionais (Chomsky, 1995).

Hipótese de Trabalho

A hipótese de trabalho que orienta esta tese, formulada em Corrêa (2001a), é de que a criança faz uso da informação de gênero expressa por elementos da categoria funcional Determinante (D)¹ para atribuir o valor do traço intrínseco de gênero de nomes² [- animado], cujo gênero apresenta-se como arbitrário ao falante da língua. Essa atribuição de valor ao traço dos nomes seria estabelecida pela identificação da variação morfo-fonológica na categoria D, pela atribuição de determinado valor às subclasses identificadas no interior dessa categoria e transferência desse valor ao Nome. Esta hipótese trata a aquisição de gênero gramatical pela criança como um processo dependente do mecanismo sintático de concordância, particularmente, a concordância em um sintagma que tem o Determinante como núcleo (ver também Corrêa, no prelo; Name & Corrêa, 2002).

Pressupõe-se, pois, a disponibilidade de categorias funcionais para que a criança possa perceber variações morfo-fonológicas dentre os elementos da categoria funcional D, para que ela possa relacionar essas variações a valores do traço de gênero dos elementos dessa categoria e para que se possa estabelecer o mecanismo de concordância sintática.

¹ Categoria D, assim como outras categorias funcionais, entendida como um conjunto de traços (cf. Chomsky, 1999).

² *Nome* é usado, nesta tese, como sinônimo de substantivo, contrariamente ao uso em gramática tradicional que engloba a noção de substantivo e adjetivo. Optou-se pelo uso de *nome* (e não de substantivo) por questões de uniformidade com os termos e siglas usados nos trabalhos em Teoria Lingüística gerativa.

A presença de categorias funcionais no período inicial de aquisição é alvo de controvérsia. Alguns pesquisadores sugerem que as categorias funcionais só estariam disponíveis por volta dos dois anos (Meisel, 1994; Radford, 1986, 1997b), enquanto que, para outros pesquisadores, elas seriam presentes desde o estado inicial da aquisição da linguagem (Poeppel & Wexler, 1991; Wexler, 1998). Esta tese busca participar da discussão acerca da disponibilidade de categorias funcionais em uma fase inicial da aquisição da linguagem, transcendendo, dessa forma, a discussão sobre a identificação do sistema de gênero por crianças adquirindo o português.

Objetivos

A tese focaliza os primeiros passos do processo de aquisição da linguagem no que concerne à aquisição do gênero gramatical do português. Essa fase engloba um período anterior à produção lingüística, durante o qual a criança desenvolve habilidades perceptuais específicas ao processamento lingüístico, e os períodos iniciais de produção lingüística, em que há um desenvolvimento paulatino em direção à fala adulta. Na perspectiva da criança adquirindo o sistema de gênero da sua língua, é necessário, pois, pressupor a) habilidades perceptuais para o tratamento de informação de natureza fônica e distribucional³ sobre gênero, e b) informação específica acerca de propriedades de línguas humanas disponibilizada por um programa genético.

Assim sendo, o objetivo geral dessa tese é prover evidências compatíveis com uma perspectiva teórica que aproxima teoria lingüística e teoria de processamento, no que concerne à identificação do sistema de gênero do português.

Seus objetivos específicos são:

³ Entende-se por informação de natureza distribucional, neste contexto, a informação que apresenta uma determinada distribuição em função de padrões estruturais (por exemplo, ordem dos elementos no Sintagma Nominal : Determinante + Nome (+ Adjetivo)).

- Avaliar a sensibilidade da criança a elementos das categorias funcionais, particularmente, aos elementos da Categoria Determinante (D), no fluxo da fala, no início do segundo ano de vida ;
- Avaliar a capacidade de a criança, em torno de dois anos, tomar os elementos percebidos como membros da Categoria D, supostamente disponibilizada por um programa genético relativo à linguagem (às línguas humanas);
- Avaliar a sensibilidade da criança à (in)congruência de gênero entre Determinante e Nome no Sintagma Determinante (DP);
- Avaliar se a criança, quando já emite enunciados de mais de duas palavras, é capaz de identificar o valor do traço de gênero de nome desconhecido a partir de informação expressa pelo determinante;
- Buscar um modelo de concordância gramatical que seja compatível com a transferência do traço de gênero do Determinante para o Nome.

Justificativa da Proposta

Na aquisição da língua materna pela criança, o gênero aparenta ser um desafio. A maioria das línguas conhecidas (75%) apresenta manifestação morfológica de gênero, com sistemas com duas, três ou mais classes de gênero. Esses sistemas podem apresentar intrincadas relações de concordância entre nome e determinantes, adjetivos, possessivos, verbos etc. (Corbett, 1991; van Berkum, 1997; Comrie, 1999). Gênero costuma ser um problema para aquisição de segunda língua por adultos. No entanto, para a criança no percurso normal de aquisição da linguagem, o gênero não representa um problema: *“crianças adquirindo línguas como francês, alemão e hebraico adquirem rapidamente marcação de gênero, fazem poucos erros e nunca usam associação com sexo masculino e feminino como um falso critério”* (Pinker, 1995:145).

O que é gênero gramatical ?

Aquilo que se entende por gênero gramatical varia segundo diferentes abordagens e autores. Em comum, a idéia de que gênero é um modo de classificar as palavras de uma determinada língua. É possível que, na sua origem, tal classificação tenha sido motivada semanticamente, distinguindo-se palavras que denotavam classes de elementos animados daquelas que denotavam classes de

elementos inanimados. Decorrente desse critério, uma outra divisão teria ocorrido, nas diferentes línguas, criando-se sistemas bipartidos com distinção entre masculino e feminino (caso das línguas românicas), entre comum e neutro (holandês, norueguês e sueco); sistemas tripartidos, com distinção entre masculino, feminino e neutro (latim, russo, alemão); ainda, sistemas com várias (sub-)classes, com forte motivação semântica (algumas línguas dravídicas) (Corbett, 1991; Salles, 1993).

O importante a ressaltar é que, mesmo se na sua origem possa ter havido uma motivação semântica, tal motivação não parece ser suficientemente forte para definir o que seja gênero gramatical. Como disse Serafim da Silva Neto (1970:225)

“ A noção de gênero não corresponde a nada de preciso. A importância dele remonta a um tempo – muito anterior à fixação do indo-europeu – em que as concepções dos semi-civilizados via em tudo forças ativas, equivalentes às dos seres animados. Assim é curioso que, no indo-europeu, os nomes de árvores sejam femininos e os nomes dos frutos sejam neutros: é que a árvore era encarada como fêmea, susceptível de produzir frutos. (...) Por ser, portanto, mera sobrevivência, por não corresponder a diferenças semânticas nitidamente sentidas, há desde cedo, enorme confusão entre os gêneros.”

A noção de gênero é, portanto, gramatical, isto é, faz parte do sistema gramatical da língua, e se manifesta nas relações de concordância entre o nome e diferentes elementos do sintagma/da oração. Assim sendo, a noção de concordância entre nome e outros itens é crucial para o conceito de gênero (Comrie, 1999).

Do ponto de vista do Programa Minimalista (Chomsky, 1995), concordância é vista como uma relação de checagem (ou verificação) de traços. Gênero é entendido como um traço formal, formando, junto com pessoa e número, o conjunto de *traços-phi*. Esses traços fariam parte de toda entrada lexical e poderiam ser intrínsecos ou opcionais. De modo geral, o traço de gênero é visto como sendo intrínseco nos nomes e opcional nos determinantes, adjetivos etc. (cf. Chomsky, 1995:277). No entanto, tomando-se o português como exemplo, observa-se a possibilidade de o traço de gênero ser intrínseco (como em *mesa*, *cônjuge*) ou opcional (como em *gato/a*) nos nomes. O valor do traço de gênero,

quando intrínseco, seria especificado na entrada lexical; quando opcional, o valor desse traço variaria, e a expressão dessa opcionalidade seria morfológica (tanto nos nomes quanto nos determinantes, adjetivos etc.).

Ainda dentro da concepção minimalista, os *traços-phi* poderiam ser, ou não, interpretáveis, i.e., semanticamente lidos na interface do sistema lingüístico com os sistemas de desempenho⁴. O traço de gênero seria [+ interpretável] nos nomes e [- interpretável] nos determinantes, adjetivos etc. (cf. Capítulo 2, 2.2.1.1; Capítulo 3, 3.2). O fato de o nome ser [+ interpretável] garantiria sua legibilidade na interface. Contudo, alguns nomes, em português e em outras línguas românicas, podem ser subespecificados semanticamente no que diz respeito ao gênero, como a maioria dos nomes com traço intrínseco de gênero (*livro*, *vítima*).

Que problemas de aquisição o gênero apresenta?

O fato de o gênero poder apresentar-se como uma propriedade formal semanticamente arbitrária em determinadas línguas, como o português, poderia representar um problema para a aquisição dessas línguas pelas crianças. A criança, no processo de aquisição de sua língua, teria de:

- perceber que distinções de gênero são morfológicamente expressas na sua língua;
- identificar os valores passíveis de serem atribuídos ao traço de gênero;
- dar um dado valor ao traço de gênero de nomes com traço intrínseco e identificar os morfemas que apresentam seu valor opcional;
- estabelecer concordância de gênero de acordo com o sistema de sua língua.

Essa tarefa, no entanto, não parece demandar maiores esforços. Como já foi dito, crianças adquirindo uma língua com sistema gramatical de gênero – seja francês, hebraico, alemão... não apresentam dificuldades em relacionar nomes às respectivas classes de gênero, nem cometem muitos erros de concordância. Trabalhos em diferentes línguas (cf. Capítulo 2, 2.3) apontam para o uso

⁴ Ver no Capítulo 3, 3.2, a caracterização da concepção de linguagem proposta pelo Programa Minimalista (Chomsky, 1995).

produtivo do gênero pela criança tão logo ela começa a produzir enunciados de mais de duas palavras (Pinker, 1995). Línguas como o Isangu, com sistema de gênero complexo, do ponto de vista do número de valores possíveis do traço de gênero e dos elementos em concordância, não parecem representar um desafio à aquisição pela criança (Comrie, 1999, cf. Capítulo 2, 2.3).

As diferenças de uso entre os dois sistemas – o da criança e o do adulto (sistema-alvo) – parecem acontecer esporadicamente, em um momento em que a criança, depois de já usar o gênero em conformidade com o sistema-alvo, passa a fazer inferências sobre possíveis relações entre aspectos da forma da língua e conceitos semânticos extra-lingüísticos⁵.

Algumas tentativas já foram feitas no sentido de explicar a aquisição do sistema de gênero de uma dada língua pela criança. Os estudos mais conhecidos levam em conta padrões distribucionais⁶ e de frequência das marcas de gênero nos diferentes elementos (Karmiloff-Smith, 1979) ou a regularidade e transparência do sistema quanto à marcação do gênero (Mills, 1985). Mas esses trabalhos não chegam a explicar como a criança identifica essas marcas, nem como ela reconhece o nome como o veiculador do gênero, enquanto os outros elementos se conformam em concordar com ele.

O estudo da aquisição de gênero em uma perspectiva conciliatória entre Psicolinguística e Teoria Lingüística

O estudo da aquisição de gênero na perspectiva psicolinguística adotada busca conciliar uma abordagem para a aquisição da linguagem que leve em conta o processamento de informação com abordagens para a aquisição da linguagem que têm por base uma teoria lingüística.

⁵ Figueira (2001, 1996) apresenta dados exemplares, que serão vistos no Capítulo 2, 2.3. São dados de duas crianças brasileiras que, a partir dos dois anos e três meses (2;3 anos) começam a explorar a terminação dos nomes, dando-lhe conteúdo semântico relacionado à propriedade sexo do elemento denotado (como em *dentista* / *dentisto*).

⁶ Diferentemente do significado do termo usado anteriormente (ver nota 3), padrão distribucional costuma ser entendido, nesses estudos, como a distribuição algorítmica de determinado padrão fônico nos elementos do enunciado, sem recorrer à noção de estrutura subjacente à língua.

Parte-se do fato de que a criança tem acesso ao sinal acústico (*speech signal*) dos enunciados lingüísticos, os quais corresponderiam à realização física do *output* da Forma Fonética, no modelo de língua proposto pelo Programa Minimalista (Chomsky, 1995; ver Capítulo 3, 3.2 para detalhamento). O *output* conteria toda a informação relevante sobre a sintaxe da língua.

O processamento do sinal acústico a partir de habilidades perceptuais desenvolvidas pela criança levaria à segmentação dos enunciados em unidades menores, sintagmáticas, demarcadas por itens funcionais em uma de suas bordas (à esquerda no português). O reconhecimento de itens funcionais – elementos compondo classes fechadas e recorrentes em posições específicas – desencadearia a emergência de categorias funcionais, previstas no programa genético específico à linguagem. Essa concepção do processo leva em conta a hipótese do *bootstrapping* (*Bootstrapping* Fonológico: Morgan & Demuth, 1996; Christophe et al., 1997, cf. Capítulo 3, 3.6.1), que considera o processamento de material acústico como meio de alavancar ou desencadear a aquisição da língua. O mapeamento de itens perceptualmente identificados com a categoria funcional Determinante permitiria à criança identificar variações morfo-fonológicas dentro dessa categoria, remetendo-as a um traço sem valor e latente nos elementos dessa categoria, previsto pelo programa genético, e desencadeando a identificação de possíveis valores para um traço formal constitutivo da entrada lexical. O estabelecimento de condições propícias ao *parsing* do DP, conduzido pelo processador de linguagem, permitiria que o valor do traço identificado no determinante fosse compartilhado com o traço de mesma natureza contido no nome, por um processo de concordância sintática entre Determinante e Nome, dentro da configuração do Sintagma Determinante (DP), supostamente também disponibilizada pelo programa genético (Frampton & Gutmann, 2000; Frampton et al., 2000).

A tese se desenvolve da seguinte forma: no próximo capítulo (2 - Revisão Bibliográfica) serão revistos conceitos fundamentais (Determinante, Sintagma Determinante e Categorias Funcionais), o modo como o gênero se manifesta em diferentes línguas e estudos sobre aquisição de gênero. No capítulo da argumentação e pressupostos teóricos (capítulo 3), será analisado o modo como a

concordância de gênero no Sintagma Determinante (DP) é tratada no Programa Minimalista (Chomsky, 1995, 1999; Frampton & Gutmann, 2000; Frampton et al., 2000). Será vista, igualmente, uma hipótese sobre o modo como se dá o processamento dos enunciados pela criança, durante o processo de aquisição da linguagem (*Bootstrapping* Fonológico: Morgan & Demuth, 1996; Christophe et al., 1997). No capítulo seguinte (4 – Metodologia Experimental), serão caracterizados os diferentes procedimentos usados nos experimentos realizados no âmbito da tese, os quais serão apresentados e discutidos no capítulo 5. Ao final desse capítulo, uma proposta de procedimento de aquisição de gênero será formulada, baseada nas evidências experimentais e nas perspectivas teóricas analisadas. Finalmente, os objetivos e questões fundamentais serão retomados no último capítulo (6 - Conclusão), discutindo-se possíveis desenvolvimentos do tema tratado.